

Universidade Federal de Pernambuco
Centro Acadêmico do Agreste
Núcleo de Formação Docente
Curso de Licenciatura em Pedagogia

Armando Severo dos Santos

***Bullying na escolar: Como agem os professores do
ensino fundamental perante essa situação?***

Caruaru

2017

Universidade Federal de Pernambuco
Centro Acadêmico do Agreste
Núcleo de Formação Docente
Curso de Licenciatura em Pedagogia

Armando Severo dos Santos

***Bullying na escolar: Como agem os professores do
ensino fundamental perante essa situação?***

Monografia apresentada no Curso de
Licenciatura em Pedagogia da Universidade
Federal de Pernambuco (CAA), para obtenção
do título de licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Viana Araújo

Caruaru
2017

Catálogo na fonte:
Bibliotecária – Simone Xavier CRB/4 - 1242

S237b Santos, Armando Severo dos.
Bullying na escolar: Como agem os professores do ensino fundamental perante
essa situação? / Armando Severo dos Santos. – 2017.
43f.; 30 cm.

Orientador: Alexandre Viana Araújo.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de
Pernambuco, CAA, Pedagogia, 2017.
Inclui Referências.

1. Assédio nas escolas. 2. Prática de ensino. 3. Estudantes do ensino
fundamental. I. Araújo, Alexandre Viana (Orientador). II. Título.

370 CDD (23. ed.) UFPE (CAA 2017-481)



**Universidade Federal de Pernambuco
Centro Acadêmico do Agreste
Núcleo de Formação Docente
Licenciatura em Pedagogia**

Avaliação Final de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

Aluno: _____
Armando Severo dos Santos

Título do Trabalho: *Bullying* na escolar: Como agem os professores do ensino fundamental perante essa situação?

Monografia () Artigo Científico ()

Data da defesa: 20 de dezembro de 2017

Orientador: _____
Prof. Alexandre Viana Araújo

Nota: ()

Avaliador 1:

Prof. Vinicius Viana de Araújo Silva

Nota: ()

Avaliador 2:

Prof. Iremar José Muniz

Nota: ()

Nota final: ()

Aprovado () Aprovado com correções() Não Aprovado ()

Comentários (caso necessário) :

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador. A Gente se faz educador, a gente se forma como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática.

Paulo Freire (A educação e a cidade, 1991)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pelo seu infinito amor e por saber que cada sonho meu é dEle também. Sua proteção foi essencial para a conclusão deste curso.

Aos meus pais, Antônio e Ezilda, pelo apoio recebido e por entender que os estudos era o melhor caminho a ser trilhado em meio a um contexto de injustiça social. Aos meus irmãos, por entender que as minhas angustias em meio ao processo da graduação.

Ao professor Alexandre por ter sido fundamental na construção deste projeto, uma mente brilhante e um coração enorme. Muitas das vezes desanimado eu estava, mas ele se animava por mim e isso renovava as minhas forças para seguir. Enxergava minhas limitações e via em mim potencialidade que estava oculta, muito obrigado amigo.

Aos professores do curso, por terem contribuído de maneira tão significativa em minha formação enquanto docente, mas, sobretudo, enquanto pessoa.

Agradeço também à gestão e as docentes da escola na qual a pesquisa foi realizada.

Aos meus amigos de formação Carol e Cicera, sem vocês meninas não teria conseguido chegar até aqui, e Cicera você é a pessoa mais especial que o senhor permitiu que eu conhecesse nessa graduação, amo você de coração. Não poderia esquecer o meu amigo Isaías que me ajudou imensamente com minhas dúvidas e sempre se dispôs a fazer-me um aluno melhor.

De maneira póstuma agradeço a minha avó por ter escolhido a mim como realização de seu sonho a mesma faleceu aos 87 anos em maio de 2017, mas lutava para que eu tivesse a melhor educação possível.

No mais, quero agradecer a todos que acreditam em mim, e tornaram esta graduação possível.

RESUMO

A presente pesquisa busca compreender a ação dos professores diante o *bullying* escolar, através de suas falas. A questão central discutida neste estudo diz respeito a sua prática docente para a intervenção do *bullying* escolar. Como objetivo geral buscou-se analisar a prática docente dos professores a partir de suas falas perante as situações de *bullying* do ensino fundamental. Os principais autores que embasaram esta pesquisa foram; Medeiros (2017),Wendt (2014), Lisboa (2009) , Beane (2010) e Lopes Neto (2005). No que se refere ao percurso teórico metodológico, tomou-se como referência a pesquisa em sua abordagem qualitativa, com base nas ideias de Minayo (2008) e Alves (1992). Quanto às tipologias, fez-se uso da pesquisa bibliográfica e exploratória com o uso da entrevista como ferramenta de coleta de dados dos docentes, que são alvos da pesquisa em questão. Como técnica de tratamento das informações, usou-se a Análise de Conteúdo enquanto exercício de análise e sistematização dos dados. A pesquisa está delimitada ao universo escolar com os sujeitos da docência. Concluímos que os professores se distanciam do conceito de *bullying* e conseguinte tende a possuir a prática de intervenção prejudicada, pois as ações das docentes apresentam carência de reflexão e diálogo com os sujeitos envolvidos.

Palavras-chave: *Bullying* escolar, prática docente e estudante.

ABSTRACT

A research in search of an action of the teachers before the school *bullying*, through their speeches. The central issue discussed in this study is its teaching practice for the intervention of school *bullying*. As the overall goal of the study is fundamental to elementary school. The main authors who supported this research were: Medeiros (2017), Wendt (2014), Lisbon (2009), Beane (2010) and Lopes Neto (2005). There are no results for research in its qualitative approach, based on the ideas of Minayo (2008) and Alves (1992). As for the typologies, we used the bibliographic and exploratory research with the use of the interview as a tool for collecting data from the documents, which are the targets of the research in question. As a data processing technique, use a Content Analysis as a data analysis and systematization exercise. A research is divided into the school universe with the subjects of the documentation. Having as a result of our research teachers who distance themselves from the concept of *bullying* and obtaining tend to a practice of impaired intervention, because as actions of teachers in a statement of reflection and dialogue with the subjects involved

Key words: *Bullying* school, teaching practice and student.

Sumário

1 Introdução.....	9
2 Bullying escolar: a aproximação com o conceito nos ajuda a identificar as práticas de violência nas escolas.	11
2.1 O Brasil e <i>Bullying</i> escolar.....	15
2.2 A escola como espaço da construção individual e social do sujeito aluno/cidadão e como o ensino fundamental pode contribuir para esta formação.	19
2.3 A escola e a Prática Docente	20
2.4 A prática Docente e o <i>Bullying</i> escolar	21
3 Metodologia do Estudo	24
4 Análise das entrevistas	27
5 Considerações finais.....	36
Referências	38
ANEXO A - QUESTÕES DE ENTREVISTA	42

1 Introdução

Ao longo da minha vida escolar desde o ensino fundamental passei por inúmeros episódios de exclusão e rejeição por duas características que são visíveis em mim, ser um aluno acima do peso ideal, “gordinho” e negro.

As exclusões eram por parte dos demais colegas da turma e ocorriam principalmente na hora das brincadeiras no recreio onde apelidos eram constantes, e nas aulas de educação física o professor sempre pedia para nos dividir em dois o grupos, para a formação de dois times, que iriam participar de uma pelada como atividade de educação física, e sempre era o último a ser escolhido, na verdade, eu era o que sobrava.

Como eram constantes os episódios de exclusão passei a não participar das aulas e utilizei a desculpa de que precisaria da dispensa das aulas de educação física por ter que trabalhar, mesmo sendo uma inverdade.

O ato de ser dispensado foi um alívio, pois eu não estava fugindo da escola, mas de situações de constrangimento e rejeição, hoje percebo, que o ato de fugir das aulas de educação física permitia ao mesmo tempo a fuga em falar dos problemas que enfrentava.

Além disso, os apelidos pejorativos eram constantes. Os rótulos dados que recebia, fazia-me sentir de fato um sujeito inferiorizado e incapaz de se relacionar com os outros, pois a minha aparência física causava o motivo de rejeição a mim.

Concluindo o ensino fundamental e médio, continuava a não participar das aulas de educação física, e acabei não tendo a experiência de ser um aluno com a aproximação como os esportes ao longo do colegiado.

Quando ingressei na universidade, e passei a ter contato com as mais variadas discussões sobre educação, percebi a carência da exposição desse tema ao longo da graduação e como este é um problema recorrente nas escolas, e a graduação é voltada para educação, resolvi romper o silêncio e buscar o conhecimento acerca do tema que a mim ainda estava velado.

Pensando nesse conjunto de fatores que impulsionaram a escolha do tema vimos como problema central como agem os professores do ensino fundamental perante a situação de *bullying* na escola?

E no sentido a responder a esta pergunta direcionamento ao objetivo geral de analisar a prática docente dos professores a partir de suas falas perante as situações de *bullying* do ensino fundamental, já os objetivos específicos estão pautados em

identificar o entendimento sobre o *bullying* escolar, identificar a partir das falas dos professores suas ações perante as situações de *bullying*, e quais as estratégias utilizadas para tratar as questões de *bullying* na escola.

Este estudo está estruturado da seguinte maneira, a conceituação de *bullying*, ou seja, o que os autores dizem sobre o tema, e como o *bullying* é tratado no Brasil. Além disso, traremos os sentidos da prática docente, e escola, e como esta relação é entendida diante do *bullying* escola.

A tipologia deste estudo será através da abordagem qualitativa, utilizando a como método de coleta de dados a entrevista semi-estruturada.

E por fim, traremos a análise da entrevista com professoras que vivenciam experiência de *bullying* no ensino fundamental e como estas têm percebido este fenômeno, e para concluirmos iremos revisitar quais conclusões foram obtidas diante do exercício que este trabalho proporcionou.

2 Bullying escolar: a aproximação com o conceito nos ajuda a identificar as práticas de violência nas escolas.

Nesta sessão, traremos o conceito de *bullying* na visão dos autores, com o intuito de aproximar o leitor sobre o que é o *bullying*, quais formas de *bullying* há, contra quais sujeitos o *bullying* é mais recorrente, e com o avanço tecnológico como este fenômeno tem se comportado nas redes sociais.

O tema *bullying* trata do fenômeno da violência, em especial aqui a na escola entre alunos. Violência que possui caráter multiterritorial, podendo tanto ocorrer na sala de aula, corredores, banheiros, no pátio, no caminho até a escola e no espaço digital que é o *cyberbullying*.

O *bullying* ainda é difícil de identificar, pois para que seja realmente caracterizado como *bullying* é preciso que a agressão seja repetida e o agressor às vezes é cauteloso ao ponto das agressões não chegar ao conhecimento dos professores.

O *bullying* pode ser às vezes interpretado pelos docentes como apenas uma “brincadeira de mau gosto”, pois às vezes os docentes percebem apenas alguns episódios, sendo que os episódios de agressões já estão ocorrendo em outros espaços.

Com o intuito de discutir e ampliar o conhecimento acerca do tema é que iremos buscar a sua conceituação e definição na perspectiva dos estudiosos na área de violência, comportamento e educação.

Os estudos sobre a violência na escola é algo novo Medeiros (2012), surgindo a temática na década de 70 pelo doutor em psicologia Dan Olweus afiliado ao Centro de Pesquisa de Promoção da Saúde da Universidade de Bergen, na Noruega. Olweus percebeu que a violência e casos de suicídio haviam aumentado nos últimos anos entre os jovens e buscou o principal motivo dessas tragédias.

Olweus (1978) participou de um projeto de pesquisa e de intervenção na área do *bullying*, sendo o primeiro a publicar e a conceituar o fenômeno, sendo o resultado de sua pesquisa descrita no livro *Agressão nas Escolas: Bullies e Chicote Boys* publicado em 1978 nos Estados Unidos sendo a primeira referência na área de violência escolar.

O pesquisador Olweus (1978) foi quem nomeou o fenômeno que hoje conhecemos, *bullying*, originária da palavra inglesa *bully*, que significa valentão, brigão, ainda não há variação para o nosso idioma, contudo o termo é entendido como ameaça, tirania, opressão, intimidação, humilhação e maltrato.

O *bullying* é uma situação que se caracteriza por agressões intencionais, verbais ou físicas, feitas de maneira repetitiva, por um ou mais alunos contra um ou mais colegas.

Para Wendt (2014, p.41) conceitua o *bullying* é quando “uma pessoa ou um grupo busca, sistematicamente, excluir, intimidar, molestar ou maltratar outra pessoa ou mesmo um grupo de pessoas, levando a exclusão social”.

Berger & Lisboa (2009) apontam que *bullying* é um fenômeno que se manifesta principalmente no contexto escolar, envolvendo crianças e adolescentes, e encontra-se presente em praticamente todas as culturas.

Além disso, o *bullying* pode ocorrer tanto de modo direto, através de atos envolvendo agressões físicas e ataques verbais, ou ainda de modo indireto e relacional, como nas situações de isolamento, chantagem, ameaças, difusão de rumores e fofocas, furtos, entre outros Rigby (2004). O fenômeno consiste de maneira geral a relação de pelo menos, dois papéis: vítima e agressor Ortega (2012).

A pesquisadora em *bullying* Fante (2013) salienta que, o *bullying* ocorre tanto em escolas públicas e privadas, e que o *bullying* é violência. Contudo, só poderemos chamar as ações de agressão de *bullying* quando há repetições nas agressões, quando há intencionalidade na ação do agressor para com a vítima com o intuito de inferiorizar o sujeito.

De acordo com Fante (2013) a diferença entre o *bullying* e uma brincadeira de “mau gosto”, para ela conflitos, apelidos, e problemas do cotidiano podem ocorrer, mas o *bullying* é permeado pela intencionalidade de causar dano na vítima, e na gratuidade da agressão e na ausência de motivo para agredir.

Já Abramovay (2006, p.5740) afirma que o *bullying* é uma violência, “a violência na escola é um fenômeno múltiplo e diverso, que assume determinados contornos em consequência de práticas inerentes aos estabelecimentos escolares e ao sistema de ensino, bem como às relações sociais nas escolas”.

Autores como (CRAIG 1998; FANTE 2005; LOPES NETO 2005; LISBOA 2009) nos chama à atenção de que nem todo tipo de violência vivida dentro da escola pode ser considerado *bullying*. A característica principal do *bullying* é a repetição das ações do agressor para com o aluno vítima sendo tanto manifestações de violência física como verbal.

Medeiros (2012) aponta ainda que o agressor pode agir de maneira sigilosa se escondendo da vítima para evitar ser disciplinado pela gestão da escola tornando a resolução do problema ainda mais incerta, pela dificuldade em localizar o agressor.

O *bullying* ainda pode conter variações e níveis de violência segundos os estudos de (OLWEUS, 1993; FANTE, 2005; SILVA, 2009; BEANE, 2010; ROLIM, 2010) as maneiras mais comuns da manifestação do fenômeno violento se dá:

de maneira explícita/direta ou indireta/velada, podendo ser físico, verbal, relacional, sexual e, com o advento da popularização da internet e de suas redes sociais, virtual. Geralmente a vítima ou vítimas são atacadas pela combinação destas formas de *bullying*, aumentando a possibilidade de a experiência ser intensa e traumática. (MEDEIROS, 2012, p.24)

Nesse sentido, o autor aponta as possibilidades de violência dentre do conceito de *bullying* e pode-se perceber que a violência não fica estagnada apenas na esfera física ou verbal, mas com o avanço da tecnologia esta mesma violência ganhou a esfera digital.

Quanto nas ações diretas têm as seguintes atitudes por parte dos agressores;

insultar e apelidar de maneira vergonhosa e humilhante outro aluno. São atitudes de *bullying* verbal as ações repetitivas fazendo comentários insultuosos, humilhantes, racistas, homofóbicos e/ou intolerantes quanto às diferenças culturais, físicas, religiosas, econômicas. (MEDEIROS, 2012, p.25-26)

Entendemos que o *bullying* direto é aquele que agride a parte física da vítima, ou seja, as marcas da violência é visível, pois são refletidas no corpo. A ação direta difere da indireta, pois as marcas são psicológicas, e as marcas são visíveis no comportamento da vítima;

Medeiros (2012, p.25-26) aponta que o *bullying* indireto consiste em;

fofocas e da destruição da índole (espalhando rumores maliciosos e cruéis, mentir sobre o outro com base no preconceito quanto a opção sexual, raça, religião, cultura, etc.), além da manipulação de relacionamentos (colocando alunos amigos um contra o outro). Outros exemplos são a pichação de muros ou bilhetes com mensagens ofensivas e difamatórias. (MEDEIROS, 2012, p.25-26)

O *bullying* alcançou também outro espaço além da escola, a internet, com a era da comunicação e das redes sociais como *facebook*, *Orkut*, *instagram*, *e-mail*, mensageiros como *whatsapp*, *telegram* e entre outras as redes sociais surgiu com o intuito de comunicar.

Contudo, o *bullying* ingressa em uma nova forma de oprimir, agora na rede virtual, e neste espaço ela ganha um novo nome, o *cyberbullying*, é o que aponta Beane

(2010,p.63) “*cyberbullying* como parte integrante do *bullying* social e relacional, e consiste nas agressões feitas em páginas na web, e-mail, mensagens de texto e assim por diante.”.

Os pesquisadores Hinduja & Patchin (2009) descrevem o *cyberbullying* como o *bullying* na esfera virtual;

como um processo no qual alguém executa, proativa e repetidamente, atitudes como piadas acerca de uma pessoa em contextos virtuais ou quando um indivíduo assedia alguém através de e-mails ou mensagens de texto ou ainda através de postagem de tópicos sobre assuntos que a vítima não aprecia. (HINDUJA & PATCHIN, 2009, P. 48)

No contexto do *bullying* os gêneros dos agressores relação ao tipo de violência aplicada aos sujeitos vitimados, ou seja, violência física sendo este o *bullying* de ação direta tem sido aplicado pelos os meninos.

Já as meninas o *bullying* é expresso de forma mais sutil, contudo com mesmo requente cruel de oprimir a vítima, ou seja, elas utilizam do *bullying* indireto para constranger, inibir e excluir outra menina do grupo.

As meninas utilizam esta “técnica” da sutileza e da discrição, pois a sociedade ainda “exige” um padrão de comportamento mais delicado, é o que aponta o pesquisador Sharp & Smith (1991);

A agressão física e a ameaça verbal são mais utilizadas pelos meninos, enquanto as meninas utilizam formas mais indiretas do *bullying*, como o uso de apelidos, fofocas e exclusão do grupo social. (Sharp & Smith, 1991, p.47)

O que podemos perceber que o *bullying*, possui diversas faces sendo elas ações diretas e indiretas, e esta relação com as ações estão relacionadas com os sujeitos diretamente, sendo as agressões físicas pelos meninos e agressão verbal as meninas.

As percepções sobre *bullying* caminham por diversos sentidos, sejam estas de gênero, de ações, sujeitos e até mesmo de espaço. Contudo o que podemos também perceber é que a definição nos ajuda a pensar o problema permite possibilidades de abordagens em soluções.

Nesta sessão nos aproximamos da conceituação e encontramos as principais características dos *bullying*, agora iremos conhecer como o *bullying* tem sido percebido no Brasil e quais ações e estratégias estão sendo pensadas para a solução do *bullying* em nosso país.

2.1 O Brasil e *Bullying* escolar

Como vimos na sessão anterior à conceituação e discussão de *bullying* surgiram na década de 70. Contudo, no Brasil a discussão surgiu apenas na década de 90 e os estudos científicos na área apenas no ano de 2005 com a pesquisadora Cléo Fante.

Fante (2005) realizou pesquisas em território nacional e comparou elementos de pesquisas realizadas na Europa, e constatou que estamos ainda atrasados na discussão;

o Brasil está 15 anos atrasado no tratamento e estudo do problema em comparação aos países europeus. Há somente algumas poucas pesquisas realizadas no país, que mostram índices elevados e ainda mais altos que os da Europa (FANTE 2005, p.46)

Toda a pesquisa de Fante (2005) resultou no livro, Fenômeno *bullying*: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz, a autora traz a conceituação de *bullying* e quais os critérios para identificar quando a violência de fato acontece. Além disso, a autora traz caminhos para discutir o problema nas escolas.

A pesquisa de Fante (2005) nos revela a necessidade de falar sobre o tema, e que ainda estamos silenciando o problema ou que há falta formação nesse sentido para darmos o direcionamento as ocorrências e visibilidade ao problema.

No Brasil a legislação sobre *bullying* só ocorreu apenas em 2015 com a aprovação da lei 13.185, que conceitua e direcionam quais caminhos o aluno agressor, a vítima, a escola, secretarias de educação, a família e a sociedade devem seguir para lidar com as situações de *bullying* e *cyberbullying*.

Para a conceituação sobre o que é *bullying* a legislação define o *bullying* da seguinte maneira;

§ 1º No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (*bullying*) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas. (Brasil, 2015, p.1)

A lei 13185/2015 traz alguns elementos que nos ajuda identificar as faces do

bullying

em várias esferas sendo elas;

Art. 3º A intimidação sistemática (*bullying*) pode ser classificada, conforme as ações praticadas, como:

I - Verbal: insultar, xingar e apelidar

pejorativamente. II - Moral: difamar, caluniar, disseminar rumores;

III - Sexual: assediar, induzir e/ou abusar; IV - Social: ignorar, isolar e excluir;

V - Psicológica: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar;

VI - Físico: socar, chutar, bater;

VII - Material: furtar, roubar, destruir pertences de outrem;

VIII - Virtual: depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social. (Brasil, 2015, p.3)

A legislação brasileira consegue de maneira bem clara evidenciar quais as características principais das agressões. E isso, é evidente um avanço na visibilidade do problema, contudo, é em tempos tardios, mas não podemos desmerecer que é um avanço.

A legislação indica ainda quais ações que deverão ser adotadas em capacitação de docentes e quais as medidas podem ser tomadas para a construção de uma cultura de paz nas escolas;

[...] II - capacitar docentes e equipes pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema;

III - implementar e disseminar campanhas de educação, conscientização e informação;

IV - instituir práticas de conduta e orientação de pais, familiares e responsáveis diante da identificação de vítimas e agressores;

V - dar assistência psicológica, social e jurídica às vítimas e aos agressores;

VI - integrar os meios de comunicação de massa com as escolas e a sociedade, como forma de identificação e conscientização do problema e forma de preveni-lo e combatê-lo;

VII - promover a cidadania, a capacidade empática e o respeito a terceiros, nos marcos de uma cultura de paz e tolerância mútua;

VIII - evitar, tanto quanto possível, a punição dos agressores, privilegiando mecanismos e instrumentos alternativos que promovam a efetiva responsabilização e a mudança de

comportamento hostil;

IX - promover medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, com ênfase nas práticas recorrentes de intimidação sistemática (*bullying*), ou constrangimento físico e psicológico, cometidas por alunos, professores e outros profissionais integrantes de escola e de comunidade escolar. (Brasil, 2015, p.3)

Embora, seja um texto jurídico, as ações e medidas estão voltadas para o ambiente escolar, onde o legislador percebe a importância da formação docente e que é necessário um acompanhamento pedagógico e psicológico, dependendo do caso, para a construção de uma cultura de paz nas escolas.

A legislação ainda conclui quais procedimentos as escolas deverão adotar para o processo de intervenção e mensuração do problema com o objetivo de focar as ações, onde estas mais correm;

Art. 5º É dever do estabelecimento de ensino, dos clubes e das agremiações recreativas assegurar medidas de conscientização,

prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática (*bullying*).

Art. 6º Serão produzidos e publicados relatórios bimestrais das ocorrências de intimidação sistemática (*bullying*) nos Estados e Municípios para planejamento das ações.

Art. 7º Os entes federados poderão firmar convênios e estabelecer parcerias para a implementação e a correta execução dos objetivos e diretrizes do Programa instituído por esta Lei. (Brasil, 2015, p.4)

Como podemos ver o texto em sua conclusão indica que é dever das escolas tratar o problema e que as instituições poderão buscar ajuda em outros órgãos para a execução das proposições jurídicas impostas.

No mesmo ano da legislação, 2015, houve uma pesquisa realizada pelo Instituto brasileiro de geografia e estatística (IBGE) que apontou que 7,4% dos alunos afirmaram que na maior parte do tempo ou sempre se sentiram humilhados por provocações, sendo que o percentual dos alunos agressores um total de 19,8% disse ter esculachado, zombado, mangado, intimidado ou caçoado algum de seus colegas de escola e o principal motivo segundo a pesquisa é aparência do corpo (15,6%) e a aparência do rosto (10,9%).

Nesta sessão podemos identificar que os estudos sobre o *bullying* no Brasil é algo muito recente e que este atraso revela a falta de visibilidade que o problema tinha nas instituições de ensino. Contudo as pesquisas de Fante (2005) deram a devida visibilidade ao problema, abrindo assim caminhos para novas pesquisas em solo brasileiro.

Contudo, a visibilidade no âmbito jurídico ocorreu apenas em 2015, e o retardo na efetuação de normas e condutas a serem tomadas pelas escolas repercute na demora mais ainda em políticas de intervenção.

E na conclusão desta sessão vimos que o modo mais comum de violência nas escolas está ligada à aparência dos alunos, e que a mensuração destes dados revelam o quanto a violência esta presente no ambiente educacional, ou seja, para os alunos que são vítimas a escola não é um espaço de aprendizagem, mas de tortura.

Como a escola é o espaço onde o *bullying* ocorre, iremos trazer a conceituação do papel da escola na construção de sujeitos e cidadãos, e como os professores podem trabalhar uma cultura de paz.

2.2 A escola como espaço da construção individual e social do sujeito aluno/cidadão e como o ensino fundamental pode contribuir para esta formação.

A escola é o espaço onde a educação sistematizada acontece seja ela no âmbito público ou privado e na zona urbana ou rural, além disso, não podemos negar o seu papel primordial no desenvolvimento social, cultural e relacional que esta instituição permite ao ser humano, não pensando a escola como apenas o espaço onde a escolarização acontece, mas onde os primeiros conhecimentos sociais emergem na vida de um estudante;

A escola constitui um contexto diversificado de desenvolvimento e aprendizagem, isto é, um local que reúne diversidade de conhecimentos, atividades, regras e valores e que é permeado por conflitos, problemas e diferenças (MAHONEY, 2002, p.9).

Pensando a escola em sua função e simbologia social, podemos compreender que a escolar quanto é o berço do saber estruturado, além da família, é um dos responsáveis pela formação do cidadão pela a sua oferta de saberes dos mais variados e contextualizados à realidade aluno e à sociedade na qual este está inserido;

a escola se relaciona com a ciência e não com o senso comum, e existe para proporcionar a aquisição de instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência) e aos rudimentos (bases) desse saber. A contribuição da escola para o desenvolvimento do sujeito é específica à aquisição do saber culturalmente organizado e às áreas distintas de conhecimento. (OLIVEIRA e ARAUJO, 2010, p.101)

Pensando nisso, a escola funciona como espaço de introdução ao mundo e aos saberes sociais e por isso reconhecemos a importância deste espaço na formação do sujeito aluno/cidadão.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) abordam a importância desse espaço na medida em que há;

Integração e inserção do mundo; a prática escolar comprometida com a interdependência escola-sociedade tem como objetivo situar as pessoas como participantes da sociedade – cidadãos - desde o primeiro dia de sua escolaridade. (BRASIL, 1998, p. 10).

Levando em consideração os anos iniciais do ensino fundamental, como o nosso grau de pesquisa do estudo, precisamos entender o que a escola pode oferecer as crianças quanto espaço e fase da maturação do conhecimento, o documento que orienta o ensino fundamental brasileiro a ponta que o papel da escola no ensino fundamental é:

a escola pode ser um espaço de busca, de reflexão, que se vale de fontes e áreas de conhecimento diversas para entender um fenômeno natural,

cultural e social. Lugar onde as diferentes linguagens assumem grande importância, pois são as ferramentas necessárias para ler, entender, interpretar e dizer o mundo. (BRASIL, 2007, p. 66).

Quando falamos que a escola é este espaço do sujeito plural, pois estes estão aprendendo a conviver em sociedade, e por isso trazemos a questão do *bullying*.

Temos o desafio quanto professor abordar a diversidade das pessoas no mundo na sala de aula, ensinando as nossas crianças o direito a individualidade e respeitar a essa diferença de cada sujeito.

E quando a escola não conseguir dar conta na abordagem adequada ao tema, um de seus objetivos não é alcançando, pois como a escola é o espaço de aprender e a ser inserido no mundo social, quando temos um sujeito que é impedido de ser incluído na lógica desta mesma inclusão, o papel da escola deixa de ser cumprido e o sujeito torna-se marginalizado por causa da violência.

Nesta sessão foi observado o que o espaço escolar pode oferecer aos alunos quanto a inserção ao mundo dos saberes e a lógica social, e iremos partir para a prática docente na escola e como esta é vista nesta formação do aluno.

2.3A escola e a Prática Docente

O docente é inegavelmente umas das profissões mais importante, sendo um dos pilares da sociedade, pois é através dela que outros sujeitos são formados socialmente e culturalmente, através dos seus ensinamentos e de seus valores, com a finalidade de tornar o aluno um sujeito cidadão e que possa pensar o mundo, e no mundo.

Ser professor é uma profissão que requer muito estudo, discernimento e além da preparação, é necessário possuir a capacidade de refletir na ação do ensinar Freire (1997) afirma que;

Lidamos com gente, com crianças, adolescentes ou adultos. Participamos de sua formação. Ajudamo-los ou os prejudicamos nesta busca. Estamos intrinsecamente a eles ligados no seu processo de conhecimento. Podemos concorrer com nossa incompetência, má preparação, irresponsabilidade, para o seu fracasso. Mas podemos, também, com nossa responsabilidade, preparo científico e gosto do ensino, com nossa seriedade e testemunho de luta contra as injustiças, contribuir para que os educandos vão se tornando presenças marcantes no mundo. (Freire, 1997, p.34)

Perante isso, entendemos que ser professor é uma missão onde o sujeito docente se responsabiliza pela colocação dos sujeitos alunos no mundo, mudo dos saberes, e da justiça social.

A prática docente é o ensinar na visão de Roldão (2007) ensinar consiste em;

especialidade de fazer aprender alguma coisa (a que chamamos currículo, seja de que natureza for aquilo que se quer ver aprendido) a alguém (o ato de ensinar só se atualiza nesta segunda transitividade corporificada no destinatário da ação, sob pena de ser inexistente ou gratuita a alegada ação de ensinar) (ROLDÃO, 2007, p. 95).

Sendo que o processo de ensinar está ligado diretamente à aprendizagem, e não podemos pensar o ensino sem a aprendizagem, pois um elemento dialoga com o outro, ou seja, a aprendizagem precede o ensino, para Freire (1996, p. 25). “Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo relativo. Verbo que pede um objeto direto – alguma coisa – e um objeto indireto – a alguém”.

Melo (2014) nos ajudar atender a dialética entre ensino e aprendizagem ao sintetizar essa relação quando diz;

a prática docente diz respeito ao fazer do professor, em sua função específica que é ensinar. Ela, que é ao mesmo tempo ação subjetiva, se faz também coletivamente na socialização entre os professores, entre professores e alunos, e entre professores e instituições nas quais se inserem. É, pois, no entre lugar do subjetivo e do coletivo que a prática docente se constrói, não sendo tão somente produto das vivências individuais do professor com o exercício profissional e nem tão somente resultado das relações deste com o contexto. (Melo, 2014, p.42)

O movimento de ensino para a aprendizagem dialoga também com a transformação do trabalho docente, ou seja, a formação docente é formada pela prática que este sujeito docente exerce e ao mesmo tempo aprende VÁZQUEZ (1977, p. 17). “A ideia de que o homem se faz a si mesmo e se eleva como ser humano justamente através de sua atividade prática, com seu trabalho, transformando o mundo material.”

Podemos entender nesta sessão que ação do professor é ligada ao processo de inserir o sujeito ao mundo através a partir do seu conhecimento percebendo as necessidades de cada sujeito trazendo através de sua prática a transformação social (FREIRE, 1997).

2.4 A prática Docente e o *Bullying* escolar

Vimos na sessão anterior que a prática docente está ligada ao ensinar e inserir os sujeitos ao contexto social e científico, sendo esta uma missão da primazia ser docente.

Nessa sessão iremos buscar entender o que os professores podem fazer enquanto prática docente para combater o *bullying* e até mesmo buscar entender se é possível preveni-lo através de uma prática que ensine o respeito e a tolerância ao diferente.

Santos (2007, p.18) aponta que o primeiro passo para agir diante do *bullying* é saber identificar a agressão ou/e desrespeito contra o outro, mesmo que este docente não tenha um conhecimento acerca do tema, seja um especialista na área, mas precisa ter a capacidade de identificar a ação do agressor para assim combater o *bullying*, por isso ela aponta;

Acreditamos que para se combater ou prevenir o *bullying* na sala de aula não é necessário o conhecimento do professor sobre o conceito de *bullying*, obviamente que se o professor conhecer o que é o *bullying* e suas consequências tudo será facilitado para se trabalhar a sua prevenção na sala de aula. O *bullying*, em um contexto geral nada mais é do que uma forma de desrespeito ao próximo, de não aceitação das diferenças e cabe ao professor trabalhar esses conceitos com seus alunos e para isso não é necessário que o professor saiba o que é o *bullying*. (Santos, 2007, p.18).

Ao ponto que Santos (2007) afirma que o professor não precisa ter um conhecimento pleno do *bullying*, o mesmo reconhece que o docente que tem este conhecimento a sua intervenção será facilitada, pois este terá a possibilidade de identificar ações dos alunos, no sentido do *bullying*, e assim agir na proporção que a situação exige.

Santos (2007) faz uma ponte a os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em relação à prática docente e o *bullying*, apontando que os professores a abordem os conteúdos de ética na sala de aula, e que está ação o *bullying* na escola.

Contudo, Toro, Neves, & Rezende (2010, p. 134) afirmam que é preciso ter o conhecimento acerca do *bullying* e que trabalhar a conscientização é o melhor caminho para a construção de uma convivência de paz;

Faz-se necessária, portanto, a conscientização a respeito do *bullying* para que sejam realizadas intervenções criativas e bem contextualizadas, amparadas por relações de confiança (TORO, NEVES, & REZENDE, 2010, p. 134)

Aproximamo-nos da perspectiva de Toro, Neves, & Rezende (2010, p. 134), pois conhecer o tema ajuda não somente na identificação, mas possibilita a contextualização do problema, ou seja, a contextualização e observar o problema como o todo nos faz entendido qual ação será a mais cabível diante do fato.

Contextualizar é entender que ação de falta de respeito entre alunos não pode ser considerada apenas como uma ação de “brincadeira de mau gosto”, mas este comportamento desrespeitoso avança para a dimensão da violência, sendo ela física ou verbal de ordem direta ou indireta;

Para prevenir e enfrentar o *bullying* ou qualquer outro tipo de violência que ocorre no contexto escolar, não se deve partir de receitas prontas e fechadas, pois cada escola possui uma realidade específica, onde são construídas relações diferenciadas entre os seus membros. Sendo assim, o *bullying* também irá se apresentar de formas diferentes em cada contexto, não devendo, portanto, ser avaliado de modo descontextualizado. (Freire & Aires, 2012, p. 57)

A contextualização permite a ação assertiva do professor, pois permite a este docente tratar o assunto não somente na superficialidade, já que existem tipos de violências dentro do *bullying*.

Propondo através da ação contextualizada com o fim de cultura de paz nas escolas entendemos que a ação do professor quando é levada em consideração a reflexão dos sujeitos estes conseguem transformar o ambiente escolar;

Para Vázquez (1977) toda finalidade pressupõe conhecimento da realidade, ou seja, a ação do professor mediante o conhecimento da realidade gera uma ação social, e esta ação social é chamada de Práxis.

Quando professor percebe a sua importância na ação contra o *bullying* os alunos se sentem seguros para realizar queixas e pedir ajuda. Contudo, para que a ação do professor seja assertiva é necessário deter o conhecimento a acerca do problema, e este docente perceber que a sua ação pode ser o ponto final para a violência, dependendo da situação.

Às vezes a ação do professor mesmo sendo pensada, e refletida e embasada no conceito do *bullying*, não consegue atingir com que os alunos vivam em uma cultura de paz, nesses casos é preciso inserir outros sujeitos para apoiar a ação do professor podendo, ser CRAS, conselho tutelar e dependendo da situação até mesmo a polícia.

Diante do que foi discutido iremos partir para a nossa pesquisa em campo e verificar as falas dos professores diante do *bullying* escolar. Para captar as falas dos sujeitos iremos partir de um método de pesquisa qualitativa, com o instrumento de coleta de dados sendo a entrevista estruturada, como veremos a seguir.

3 Metodologia do Estudo

Este trabalho contará com a tipologia de pesquisa qualitativa, onde será considerado;

o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p.22)

A pesquisa qualitativa permite realizar um diálogo com o fenômeno social e as ações humanas, buscando entender os significados de suas ações perante o contexto dos indivíduos.

A pesquisa qualitativa leva em consideração os sujeitos Trivinõs (2008), o tempo em que a pesquisa está sendo realizada Richardson (1999), as relações dos sujeitos com o fenômeno abordado Godoy (2005) e quais significados estes agentes trazem na ação do cotidiano Piana (2009).

Entendemos que a abordagem qualitativa é a melhor se encaixa ao estudo já que trata de um fenômeno social e esta abordagem considerará os sentidos das ações humanas.

A coleta de dados se dará pelo instrumento da entrevista semiestruturada serão coletadas as falas dos sujeitos, docentes, onde falaram sobre a sua prática, para Minayo (2001) a entrevista é;

o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despretensiosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. (MINAYO, 2001, p.57)

Segundo Minayo (2001) a entrevista é uma conversa consciente e intencionada que permite o sujeito investigar um determinado tema, em nosso caso será o tema *bullying* buscando entender a prática docente no cotidiano escolar diante deste fenômeno.

Já para a nossa análise será utilizada a perspectiva de análise de conteúdo Campos (2004) explica que o conceito possui vários elementos e esse movimento que é possível nesta perspectiva resulta em uma análise flexível que acompanha o movimento dos elementos que surgem ao passo que o objeto é pesquisado, “O conteúdo de uma comunicação, não obstante a fala humana, e tão rica e apresenta uma visão polissêmica e valiosa, que notadamente permite ao pesquisador qualitativo uma variedade de interpretações”.

A variedade de sentidos que o pesquisador pode encontrar na interpretação dos dados Campos (2004) aponta o desafio dessa polissemia e nos alerta sobre o movimento

que precisamos fazer para não nos afastarmos do nosso objeto de pesquisa;

Talvez o maior “nó” em relação à abordagem desses conteúdos está em como visualizá-lo no campo objetivo, a princípio mais palpável; e no campo simbólico, ou seja, naquilo que não está aparente na mensagem.

Isto nos remete a uma breve discussão sobre os limites dos “conteúdos manifestos” e dos “conteúdos latentes”. (CAMPOS, 2004, p.613)

Para Bardin (2011), o termo análise de conteúdo designa:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 47).

A análise consistirá na reflexão dos conceitos dos autores selecionados acerca do tema e através das falas dos docentes buscando verificar como estes sujeitos se aproximam ao conhecimento do tema *bullying* e como o seu discurso reflete a prática para a intervenção dos comportamentos agressivos.

A escolha do campo se deu pela possibilidade do enquadramento das características do espaço escolar buscadas neste trabalho, deverá ser uma escola municipal e pública de área periférica onde sejam contemplados os anos iniciais do ensino fundamental, sendo a escola luz do futuro o lócus de nossa pesquisa.

4 Análise das entrevistas

A entrevista foi o nosso meio de coleta de dados, e foi realizada em uma escola municipal da rede pública na cidade de Caruaru, com o intuito de compreender através das falas dos professores como agem diante situações de *bullying* escolar.

O espaço da coleta de dados foi a Instituição Escolar Luz do Futuro¹, que localizada na área periférica da cidade de Caruaru-PE, a estrutura física da mesma é de porte pequeno e encontra-se em estado conservado, possui 7 (sete) salas de aula - 2 (dois) banheiros para alunos, sendo 1(um) feminino e 1 (um) masculino – (um) banheiro reservado aos professores - 1(uma) cozinha – 1(um)refeitório –1(uma) biblioteca - 1(um) pátio de recreação, com área coberta.

A escola atende atualmente cerca de 350 (trezentos e cinquenta) alunos, sendo da Educação Infantil (Pré- II) e ensino fundamental (1º ao 5º ano), divididos entre turno da manhã e tarde. Os alunos são pertencentes a classificação social de baixa renda.

A escola Luz do Futuro possui os seguintes funcionários 1 (um) gestor, 1 (um) gestor adjunto, 1 (um secretário), 13 (treze) professores, 2 (duas) merendeiras. A escola

¹INSTITUIÇÃO ESCOLAR LUZ DO FUTURO - trata-se de um nome fictício, dado pelos pesquisadores para assim manter preservado o nome da escola e os indivíduos que as frequentam, por motivo de ética.

atende crianças de 5 (cinco) até 13 (treze) anos de idade, com o objetivo principal de preparar e avançar no processo alfabetizador das crianças atendidas.

O estudo contou com a entrevista de duas professoras docentes que trouxeram os seus olhares e suas vivências para o entendimento deste fenômeno do comportamento, o *bullying*.

A professora que chamaremos de entrevista 01 é docente do segundo ano do ensino fundamental e a entrevistada 02 é professora do terceiro ano do ensino fundamental, entre as 13 docentes que atuam na escola, apenas estas se disponibilizaram a participar da pesquisa.

A estrutura da entrevista contou com três eixos que articulam, o que os professores sabem sobre o tema, e como estes sujeitos agem diante de situações de *bullying* na sala de aula, e quais as ações da escola para abordar e tratar casos de *bullying*.

Percebemos que as docentes se distanciavam do conceito de *bullying*, quando foi perguntado sobre o que é *bullying*, e as mesmas responderam de maneira vaga, pendendo para uma conceituação generalista, conforme aponta a entrevista 1 e 2;

“Tudo que é dito para não fazer o bem, tudo o que incomoda. Aqui na escola a gente lida muito com apelido, então é tudo o que incomoda e não é sadio.” (ENTREVISTADA 01)

“Agressão que sofrem na escola ou qualquer outro lugar, até nós sofremos *bullying* quando éramos criança, quando eu era criança me chamavam de branquela, e aí quando fiquei adulta tomava bem muito sol para pegar uma cor” (ENTREVISTADA 02)

O *bullying* é caracterizado pela repetição das agressões conforme a conceituação de (MEDEIROS 2012; WENDT 2014; CRAIG 1998; FANTE 2005; LOPES NETO 2005; LISBOA 2009) e foi percebido que as docentes não possuem aproximação conceitual com o que os autores apontam ser o *bullying* e trazem em suas falas exemplos de ações de *bullying*, contudo não o que de fato é *bullying*.

Buscamos saber no entendimento das entrevistadas qual a diferença entre *bullying* e uma “brincadeira de mau gosto” e obtivemos as seguintes respostas por parte da entrevista 01 fala que “Uma brincadeira de mau gosto é quando a brincadeira não é sadia, e é o primeiro passo para se tornar o *bullying*”.

Para FANTE (2005) e LOPES NETO (2005) a brincadeira de mau gosto é algo episódico, e o *bullying* é caracterizado pela repetição e pela intencionalidade de causar dano à vítima.

Contudo, tivemos um apontamento que se aproxima da dos conceitos dos autores citados acima por parte da entrevistada 01 ao afirmar que a “brincadeira de mau gosto” é o primeiro passo para tornar *bullying*, sendo que essa relação a mesma só conseguiu fazer ao no momento em que perguntamos qual a diferença entre o *bullying* e a brincadeira de mau gosto, ou seja, não surgiu a conceitual do que é na primeira fala da docente.

Já a entrevistada 02 não conseguiu identificar a diferença entre “brincadeira de mau gosto” e *bullying*, a mesma citou apenas uma ação é não a definição como foi pedido “Agressão em palavras é uma brincadeira de mau gosto”.

Saber diferenciar a “brincadeira de mau gosto” e o *bullying* é capacidade de perceber a frequência com que aluno está sendo exposto a uma situação de humilhação, pois o *bullying* como citado anteriormente possui caráter repetitivo e intencional, mas a brincadeira de mau gosto é pontual.

Buscamos saber agora quais formas de *bullying* as docentes já presenciaram na escola então perguntamos quais formas de *bullying* elas presenciaram na escola a entrevista 01 diz “É mais apelido, ou quando formam grupinhos para afrontar um aluno.” Já a entrevistada 02 “Apelido, ficam arengando”. O apelido foi a maneira mais utilizada entre os alunos na prática do *bullying*, segundo as professoras.

O apelido é a maneira mais comum do *bullying* para Olweus (1997) é quando o sujeito é rotulado de maneira pejorativa por portar algum comportamento, ou ser de alguma etnia, orientação sexual ou até mesmo pelo porte físico. Colocar rótulos nos indivíduos é uma maneira cruel de violentar as vítimas, pois os julgam e os comparam com padrões sociais impostos.

Perguntamos também contra quais sujeitos é comum serem vistos como vítimas do *bullying*, esta pergunta serviu como comparativo à pesquisa do IBGE (2015) que aponta que o *bullying* possui uma relação bastante estreita com a aparência física, e obtivemos as seguintes respostas;

“Geralmente é contra negro, magro, gordinho, quando ficam apontando quando o menino não sabe ler, às vezes percebo que a criança não quer ir para a recreação aí eu chego junto para saber o que aconteceu.” (ENTREVISTADA 01)

“Aqui é mais a questão do racismo, da cor.” (ENTREVISTADA 02)

As respostas da entrevista coincidem com os resultados da pesquisa do IBGE (2015) onde aponta que a aparência física é o principal motivo de *bullying* nas escolas,

para, além disso, na fala da entrevistada 01 ela aborda que o aluno que possui dificuldade de ler também é alvo de *bullying*.

O *bullying* escolar afeta diretamente a autoestima do aluno, e quando esse é taxado de “burro”, por exemplo, por não saber ler, pode perder a motivação para ir à escola, por não se sentir pertencente aquele espaço, podendo assim gerar a evasão escolar é o que afirma Fante (2005).

Para Pinto (2010) a sessões de violências reflete diretamente com a autoestima do aluno;

A vítima/alvo é a pessoa que sofre *bullying* e sobre quem recaem, repetidamente, as consequências dos comportamentos agressivos dos outros. Os alunos com baixa autoestima apresentam problemas de relacionamento, colocando-se na posição de vítimas da violência. A vítima é um aluno que sofre a perseguição constante do agressor que, com frequência a humilha e discrimina. Por ter a baixa autoestima, tem dificuldades de livrar-se da perseguição do agressor. (PINTO, 2010, p.32)

As entrevistadas 01 e 02 trazem nas falas é frequência das manifestações racistas na sala de aula, sendo estas manifestações são caracterizadas da seguinte maneira;

“qualquer fenômeno que justifique as diferenças, preferências, privilégios, dominação, hierarquias e desigualdades materiais e simbólicas entre seres humanos, baseado na ideia de raça”. (SCHUCMAN, 2010, p.44),

O racismo se apropria de uma escala hierárquica que define quem é mais ou menos importante na escala social Guimarães (2004), e o aluno que realiza atos dessa natureza marginaliza a vítima perante os demais colegas da turma.

Com o avanço da tecnologia e o acesso as redes sociais e meios de comunicação de mensageiros instantâneos o *cyberbullying* surge como uma possibilidade onde a violência pode ser praticado, por isso buscamos saber das professoras o que elas sabem sobre o *cyberbullying*, a entrevistada 01 conseguiu conceituar bem do que se tratava ao afirmar que “É o *bullying* da internet, é quando postam uma coisa para ofender, e não usar a internet de forma sadia e as vezes há uma troca de xingamentos na internet.”

Já a professora entrevistada 02, não conseguiu identificar o conceito sobre o que era o *cyberbullying*, pois quando foi perguntado o que era não soube responder de imediato do que se tratava, e a mesma pediu para que explicasse o conceito a ela e obtivemos a seguinte resposta “*Cyberbullying*, não, pois eles são muitos pequenos”.

O contato o *cyberbullying* depende também do acesso dos sujeitos a ferramentas tecnológicas, pois é neste espaço que ocorre este tipo de violência, foi apenas percebido

na fala das docentes que não ocorria este tipo de *bullying* na escola, e entendemos que a motivação pode ser pelo acesso a tecnologia.

Neste tópico iremos descrever algumas ações interventivas se estas docentes se aproximam da teoria do que é indicado na intervenção do *bullying*. O objetivo aqui é entender as ações das entrevistadas no cotidiano escolar perante o *bullying*;

Cabe a esse espaço pedagógico estar atento para os sinais de violência, procurando neutralizar os agressores, bem como assessorar as vítimas e transformar os espectadores em principais aliados; tomar algumas iniciativas preventivas tais como: supervisão na hora do recreio e intervalos; evitar que haja em sala de aula menosprezo, apelidos ou rejeição de alunos por qualquer que seja o motivo. (PINTO, 2010, p.34)

Perguntamos como elas agem em situações de *bullying* para entender as suas práticas e obtivemos respostas que remediam a situação, contudo a entrevista 01 não orienta os alunos acerca do *bullying*, mas utiliza um discurso religioso para suavizar a situação e fazer com que os alunos busquem a aceitação do outro e não o respeito;

Eu geralmente tento amenizar...dizendo que nem todo mundo é igual, falo isso para não gerar preconceito, tento mostrar que Deus fez cada um de uma maneira e nem todos são magros e nem gordos, temos nossas diferenças, o preconceito não é legal e não devemos repetir esse tipo de atitudes, e sim atitudes boas” (ENTREVISTADA 01)

Silva (2013) identifica este tipo de discurso como falta de formação para abordar situações de *bullying*, pois não relaciona a atitude do aluno como um comportamento racional, e prejudicial, mas usa um argumento religioso para fazer com que os alunos aceitem as diferenças;

Esse modo de compreender o fenômeno indica que o desafio da formação docente no que tange a essa problemática exige uma abordagem que supere uma perspectiva meramente informativa ou cognitivista da questão, já que a forma de compreender o *bullying* pode envolver atitudes e sentimentos que não se sustentam apenas na racionalidade. (Silva, p.336, 2013)

Ainda para Silva (2013) é preciso fazer com que os alunos avaliem as suas atitudes e perceberem que a ação é errada. O que o autor chama atenção para a necessidade de fazer com que o aluno entenda as consequências de sua atitude.

Quanto à entrevistada 02 (2017) a mesma direciona o discurso para a vítima perguntando se o aluno é de fato aquilo que ele está sendo apelidado “Como aqui a questão do apelido, pergunto ao aluno se ele é realmente é aquilo que estão dizendo”.

Percebemos que a professora não repreende o aluno agressor, e volta apenas o discurso para o aluno vítima, o questionando se de fato ele é aquilo que estão falando dele, esse tipo de discurso não resolve a situação.

Percebemos então na fala, que o aluno agressor não é corrigido e nem menos, é convidado a pensar no que fez para mudar a sua atitude é o que afirma Pinto (2010, p.34) “É importante ajudá-los a resolver situações de conflito com postura correta, diálogo e, acima de tudo”.

Pensamos que ser professor é uma profissão que precisa de apoio da gestão para no que diz respeito para as situações do cotidiano, sejam elas quais forem, pois, o docente precisa ser apoiado e orientado, caso seja necessário, na tomada de decisões na prática docente do dia a dia.

Por isso buscamos saber como estes docentes têm sido apoiados pela gestão em situações de *bullying*, a entrevistada 01 fala que “quando é necessário chama a gestão ou até mesmo os pais quando a situação fica mais séria” quanto a entrevista 02 diz que “Aqui na turma não ocorre nada sério, a conversa já resolve, mas se precisar comunica a gestão e os pais”.

Podemos perceber nas falas tanto da docente 01 e 02, que as ocorrências de *bullying* na sala de aula são tratadas só em situações pontuais, e não é direcionada uma atenção que o *bullying* precisa ter, e inclusive acompanhamento da gestão e até mesmo dos pais.

Ristum (2010), afirma que a gestão possui um papel importante para diagnosticar e dar a devida tratativa em situações de *bullying* e que é um trabalho em conjunto.

Buscamos saber também se os alunos procuram as docentes para relatar situações de *bullying*, a professora entrevistada 01 diz que “é muito raro ser procurada para tratar o *bullying*, pois eles não sabem o que é”.

Podemos pensar, que se os alunos não sabem o que é, porque eles não tiveram acesso ao conteúdo, ou aulas que abordassem este tema na sala de aula não foi apropriado pelos discentes.

Já quando perguntamos a entrevistada 02 se os alunos a procuravam para relatar *bullying* à mesma respondeu que “Não, em particular não.”.

Encontramos nessa parte da entrevista a dificuldade dos próprios alunos identificaram quando estavam sofrendo *bullying*, isso reflete que os próprios alunos entendem as situações do cotidiano como “brincadeiras de mau gosto”.

A próxima pergunta da entrevista busca saber como as entrevistadas agem de maneira padrão para intervir no *bullying*, obtivemos as seguintes respostas da entrevista 01 “A conversa, mostrando exemplos e alertar sobre consequências caso esse aluno continue com o comportamento”.

O melhor caminho se para tratar situações de violência escolar é esse como apontado por Fante (2005), ou seja, fazer com o aluno perceba a sua ação.

A entrevistada 02 nos deu uma resposta preocupante, pois a mesma trata o *bullying* com o *bullying* e chama esse processo de “reflexão”;

“Eu faço reflexão com os alunos, por exemplo, eu peço para o aluno que foi apelidado chamar o outro aluno que apelidou da mesma coisa, e através da reflexão o aluno perceber como é ruim ser chamado de algo ruim” (ENTREVISTADA 02).

Esse movimento que a professora diz ser “reflexivo” pelo o que foi percebido tem caráter punitivo, pois uma situação como essa a professora poderia buscar uma solução que perpassasse por um tratamento pedagógico da situação é o que aponta Santos (2007), e não em revide.

Quando a professora age desta maneira o *bullying* não é discutido em sala, mas há um incentivo a ofensa, sem que os alunos entendam a sua ação, ficando apenas em um movimento de trocas de ofensas, acreditando que essa “reflexão” gerou um sentimento de “empatia”, mas isso não ocorre.

Ainda salientamos que a ação na aula, do professor, precisa contar com orientação da gestão e que o trabalho em conjunto resulta o melhor resultado Perrenoud (2001).

Já para Nóvoa (1997, p.26) a troca de saberes auxilia tanto na formação docente, bem como na formação discente “A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando.”.

Vimos até aqui que os professores buscar agir dentro de suas possibilidades, contudo é preciso levar os alunos a refletirem. Acreditamos que a participação da gestão na orientação destas ações seria o melhor caminho para a revisão destas intervenções, bem como também reforçar a abordagem do tema na sala de aula para que os alunos também percebam quando se tratar de violência escolar.

Escutamos as falas das entrevistadas no que se refere as suas ações agora iremos investigar como o *bullying* é tratado na escola, ou seja, para além da sala de aula destas.

Iniciamos a entrevista nesta sessão perguntando as docentes como a escola tem apoiado os alunos em relação ao *bullying*, compreendendo a escola, para além dos da ação dos professores.

Buscamos compreender aqui se há ações de outros agentes na instituição que auxiliam no combate do *bullying*, como também se a escola realiza ações que permitam o contanto das turmas na abordagem do tema, podendo ser através de palestras, e ações que busquem tratar o assunto, além das ações pontuais dos professores em sala de aula.

Perguntamos as entrevistadas 01 e 02 como a escola tem apoiado os alunos vítimas de *bullying*, a entrevistada 01 diz que “a escola realiza uma conversa acolhedora, para com as vítimas”, contudo, a mesma não aponta outras formas de apoio ou estratégias para na intervenção do *bullying* ficando só na conversa.

Já a entrevista 02 não consegue ver ações nesse sentido “Aqui não acontece muito, mas se precisar conversa com todos “ a docente aponta aqui também a conversa como a única ferramenta a ser utilizada no combate ao *bullying* e aponta que a escola quase não há ocorrências ou ações de *bullying*, mas podemos perceber, que nas falas anteriores há varias ocorrências no dia a dia, enfatizando a agressão verbal.

Encontramos aqui nas falas das entrevistadas apenas uma ação, tendo em vista que o combate ao *bullying* requer diversos caminhos como, realizar ações de reflexão com os alunos, conversar com os pais, abordar o tema na sala de aula com todos e chamar a gestão para reforçar a importância de uma cultura de paz.

Ao perguntarmos também se os alunos são estimulados a conversarem sobre o *bullying* na escola, o objetivo dessa pergunta é perceber se os alunos enxergam os professores como agentes de confiança para falarem sobre o problema.

A entrevistada 01 volta o seu discurso para a ação na sala de aula “Qualquer mudança de comportamento a gente busca ver o que está acontecendo até através de desenho, das cores, para sentir o que está acontecendo”.

Já a resposta da entrevista 02 (2017) diz que “Sim, mas é a supervisão que conversa com os envolvidos”. As falas das entrevistadas neste ponto revelam que o aluno é procurado apenas pelos professores, mas que estes não as procuram para falarem das ocorrências de violência, para Silva (2013)

A percepção da diminuição de segurança na escola, por todos os envolvidos nas situações de *bullying*, pode também gerar nos alunos o movimento de se autoprotegerem, em detrimento do de buscarem auxílio nos funcionários e professores para defendê-los das ameaças existentes (BRADSHAW, SAWYER, & O'BRENNAN, 2009, p.204-220).

O fato pelo quais os alunos são procurados e não procurarem as professores para conversar sobre o bullying, reflete possivelmente a sensação de não encontrar nas professoras segurança para protegê-los desta situação.

Quanto à realização de eventos e palestras sobre o tema *bullying* na escola, entrevistada 01, diz que “Realiza sim, polícia militar com o Programa Educacional de Resistência às Drogas (PROERD²), conselho tutelar e o Centro de Referência da Assistência Social (CRAS³) e os amigos da escola”.

Enquanto isso a professora entrevista 02 (2017) diz que “Já sim, porque a rede de ensino pediu para abordamos o tema”,

A afirmação destas parcerias é fundamental para o avanço da discursão nas escolas, pois revela que algo está sendo feito, e que a ajuda está disponível para quem necessitar.

E o por fim buscamos saber das docentes se elas colaboram para a realização dos relatórios bimestrais, relatórios estes que são fundamentais para a orientação das ações das secretarias de educação no combate ao *bullying*, e que para a composição do mesmo deverão estar envolvidos professores, coordenação e gestão Brasil (2015).

Tivemos uma resposta unanime para esta pergunta entre as entrevistadas 01 e 02 (2017), as mesmas apontarem, que “Essa questão do relatório é mais a parte da gestão”.

O relatório bimestral revela a importância que as escolas estão dando para o tema, pois sem este, não podemos mensurar as ocorrências, comprometendo os direcionamentos das ações.

A gestão pode auxiliar as docentes na divulgação e na orientação quanto à importância na participação destas nesse processo de elaboração do relatório, para que assim as ações da secretária de educação saber onde devem atuar com mais afinco.

Diante das falas coletadas e analisadas iremos realizar nossas considerações para colocar as nossas impressões e percepções sobre o estudo proposto.

² O PROERD é desenvolvido no ambiente escolar, envolvendo crianças na faixa etária dos 9 aos 12, concentrando na 4ª série do ensino fundamental. O desenvolvimento do programa é feito por um Policial Militar, especialmente treinado, em sala de aula, durante dezessete semanas, com encontros semanais de uma hora de duração, com auxílio de material desenvolvido especialmente para o Proerd, tendo por base uma Cartilha, onde o aluno é convidado a discutir e assimilar conteúdos relacionados autoestima, pressão dos colegas e da mídia para o uso de drogas, as pressões dos companheiros e amigos para agir de forma violenta, resolução de conflitos sem uso da violência e aspectos de vida saudável.

³ Centro de Referência da Assistência Social, Busca prevenir as situações de risco em seu território de abrangência fortalecendo vínculos familiares e comunitários e garantindo direitos.

5 Considerações finais

Falar sobre *bullying* para mim é romper com o silêncio de anos, pois como citei logo no início do trabalho, passei por momentos de exclusão e humilhação ao longo da escola, e ter a oportunidade de falar sobre o que percebo ainda sobre o *bullying* é um momento libertador.

Desde o início da graduação me deparei com inúmeras discussões de situações que podem ocorrer na escola, mas senti a carência de abordarmos sobre este assunto e por isso o intuito desse trabalho para além da obtenção do título é celebrar uma discussão acerca do *bullying* para possamos sentir a necessidade de falar sobre este assunto na universidade.

O silêncio que percebi ao longo da graduação na tratativa deste tema possui a mesma intensidade na tratativa do assunto na escola estudada, ou seja, me deparei com ações pontuais, mas que carece de um olhar especial para estes alunos.

E quando falo alunos refiro-me tanto aos alunos agressores quanto vítimas, pois tanto um quanto o outro precisam de acompanhamento para direcionar as suas ações e comportamentos.

É preciso também acompanhamento psicológico, pois a violência ela tem um motivo e as vezes os alunos agem desta maneira por não conseguirem exprimir um sentimento guardado, ou até mesmo um trauma.

Por isso acredito que dialogar e refletir são os melhores caminhos para nos tornarmos pertencentes ao espaço educativo.

Muitas das vezes nos enquanto professores sentimos a necessidade de apenas transmitir conteúdo e esquecemos que estamos lidando com seres humanos que estão em formação que podem está passando por conflitos tanto em casa, no caminho da escola, na sala de aula e no recreio.

Precisamos enxergar o outro e suas necessidades para termos a ciência de que estamos sendo humano com o outro.

Quanto às ações que podem ser tidas para intervir no *bullying* é entender que não é um trabalho que deve ser carregado nas costas do professor, mas é preciso a participação de todos, bem como para que isso ocorra é necessário que todos enxerguem o quão este assunto é sério.

A temática deve ser abordada junto aos sujeitos envolvidos alunos, professores, supervisão, gestão, familiares, a secretaria de educação e demais órgãos. Todos que

queiram contribuir são bem-vindos de forma que todos se sintam responsáveis pelo problema.

Preocupo-me quando vejo às vezes na televisão matérias que apontam tragédias no âmbito escolar envolvendo alunos que sofriam *bullying* e a escola não percebeu, e nem pais nenhum comportamento diferente daquele sujeito envolvido.

Quando vejo tal situação tenho a sensação de que estamos apenas fazendo as coisas, mas não vivendo, hoje em dia os filhos se trancam no quarto e passam o dia no celular ou no computador e não conversam sobre o sentem com um familiar e os sentimentos acabam ficando guardados, ou melhor, acumulados.

Então, diante de tudo que pesquisei e senti ao longo deste estudo é que precisamos falar sobre o *bullying*, falar sobre o que estamos sentindo e sermos mais humano ao enxergar que o outro não é igual a mim, mas que é dever cada um respeitar o que há no outro, pois ao mesmo tempo sou o outro do ponto de vista de alguém.

Referências

- ALVES, Zélia Mana Mendes Biasoli and SILVA, Maria Helena G. F. Dias da. **Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta**. Paidéia (Ribeirão Preto) [online]. 1992, n.2, pp.61-69. ISSN 0103-863X. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X1992000200007>.
- ABRAMOVAY, M. & RUA, M. G.. **Desafio e alternativas: violência nas escolas**. Brasília: UNESCO/UNDP, 2003.
- ASSIS, SG., CONSTANTINO, P., and AVANCI, JQ., orgs. **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores** [online]. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, 2010. 260 p. ISBN 978-85-7541-330-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org> >.
- BARDIN, L.(2011). **Análise de conteúdo**. São Paulo:Edições 70.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (5ª a 8ª Série): Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília. MEC/SEF, 1998.
- _____, Ensino **fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade** / organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. –Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.
- _____,. Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. **Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying)**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF,ano CLII 213, p. 1, 9 nov. 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20152018/2015/Lei/L13185.htm > acessado em 02/11/2017.
- _____,**Conheça a diferença entre racismo e injúria racial** disponível em <http://www.cnj.jus.br/noticias/cnj/79571-conheca-a-diferenca-entre-racismo-e-injuria-racial> acessado em 30/11/2017.
- BRADSHAW, C. P., SAWYER, A. L., & O'BRENNAN, L. M. (2009). A social disorganization perspective on *bullying*-related attitudes and behavior: the influence of school context. *American Journal of Community Psychology*, 43(1), 204-220
- BEANE, Allan. **Proteja seu filho do bullying**. Tradução: Debora Guimarães Isidoro. Rio de Janeiro: BestSeller, 2010

- BERGER, C., & Lisboa, C. (2009). **Violencia escolar: estúdios y posibilidades de intervención em Latinoamérica**. Santiago, Chile: Editorial Universitária.
- CAMPOS, C. Metodo de analise de conteudo: **ferramenta para a analise de dados qualitativos no campo da saude**, DISTRITO FEDERAL, 2004.
- CRAIG, Wendy M. **The Relationship Among Bullying, Victimization, Depression, Anxiety, And Aggression In Elementary School Children**. In *Person. individ. Dif/*: Vol. 24, No. I, pp. 123-130, 1998.
- FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying**: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas – SP: Verus, 2005.
- FANTE, CLEO. **BULLYING** - Fundação Faculdade de Medicina, SÃO PAULO, 2013. disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ofrj3emHnYw> acessado em 15/12/2017.
- GUIMARAES, Antonio Sérgio Alfredo. **Preconceito de cor e racismo no Brasil**. Rev. Antropol. [online]. 2004, vol.47, n.1, pp.9-43. ISSN 0034-7701. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77012004000100001>.
- GODOY, A. S. **Refletindo sobre critérios de qualidade da pesquisa qualitativa**. Revista Eletrônica de Gestão Organizacional, v. 3, n. 2, p. 81-89, mai./ago. 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'agua, 1997.
- GODOY, A. **introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades**, SAO PAULO, UNESP, 1995.
- IBGE, **Bullying**. Disponível em <http://teen.ibge.gov.br/especiais-teen/pense/pense-pag-7.html> acessado em 07/09/2017.
- JOTZ, Maria. O COMBATE A INTIMIDAÇÃO SISTEMÁTICA SOB A TUTELA DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL: “**Bullying**” é questão de direito. disponível :http://conteudo.pucrs.br/wp-content/uploads/sites/11/2017/03/maria_jotz_2016_2.pdf acessado em 02/11/2017. PUC. 2016.
- LISBOA, Carolina. BRAGA, Luiza de Lima; EBERT, Guilherme. **O fenômeno bullying ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção**. Contextos Clínicos, vol. 2, n. 1: (59-71), janeiro-junho 2009.

- LOPES NETO, Aramis A. **Bullying – comportamento agressivo entre estudantes**. Jornal de Pediatria. Rio de Janeiro, 2005, pags. 164-172.
- MAHONEY, A. A. (2002). Contribuições de H. Wallon para a reflexão sobre as questões educacionais. In V.S. Placco (Org.), *Psicologia & Educação: Revendo contribuições* (pp. 9-32). São Paulo: Educ
- MEDEIROS, Alexandre Vinícius Malmann. **O fenômeno bullying** [manuscrito]: **(in)definições do termo e suas possibilidades**, UFG, 2012..OLWEUS, Dan. **Bully/victim problems among schoolchildren: Basic facts and effects of a school based intervention program**. In D. J. Pepler & K. H. Rubin (Eds.), *The development and treatment of childhood aggression*. Hillsdale, NJ: Erlbaum. 1991.
- MELO, Maria Julia Carvalho de. **Os sentidos partilhados sobre estágio supervisionado e as contribuições para a prática docente do professor com experiência docente**. / Maria Julia Carvalho de Melo. – Caruaru, 2014.
- OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista de and MARINHO-ARAUJO, Claisy Maria. **A relação família-escola: intersecções e desafios**. *Estud. psicol.* (Campinas) [online]. 2010, vol.27, n.1, pp.99-108. ISSN 1982-0275. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2010000100012>.
- PIANA, MC. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 233 p. ISBN 978-85-7983-038-9. Available from SciELO Books .
- PINTO, **BULLYING: UMA QUESTÃO DE RESPONSABILIDADE SOCIAL E A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL**, RIO DE JANEIRO, 2010.
- SHARP, S., & SMITH, P. K. (1991). *Bullying in UK schools: The DES Sheffield Bullying Project*. *Early Childhood Development and Care*, 77, 47-55.
- RIGBY, K. (2004). **Addressing Bullying in Schools: Theoretical perspectives and their implications**. *School Psychology International*.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.
- ROLDÃO, Maria do Céu. Função docente: **natureza e construção do conhecimento profissional**. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, SP, v. 12, Jan./Abr, nº. 34, 2007.
- ROLIM, M. (2008). **Bullying: O pesadelo da escola, um estudo de caso e notas sobre o que fazer**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

ROSEMBERG, Fúlvia; BAZILLI, Chirley and SILVA, Paulo Vinícius Baptista da. **Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura.** Educ. Pesqui. [online]. 2003, vol.29, n.1, pp.125-146. ISSN 1517-9702. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022003000100010>.

SANTOS, L. P. R. dos. (2007). **O papel do professor diante do bullying na sala de aula.** Bauru, SP: UNESP. Acessado em: 19 outubro 2017. Disponível: <http://www.fc.unesp.br/upload/pedagogia/TCC%20Luciana%20Pavan%20%20Final.pdf>

TRIVIÑOS, A. N. da S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 2008.

TORO, G. V. R, Neves, A. S., & Rezende, P. C. M. (2010). **Bullying, o exercício da violência no contexto escolar: reflexões sobre um sintoma social.** Revista psicologia: Teoria e Prática, 12(1), 123-137. Recuperado: 30 abr 2011. Disponível: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/1938/193814418011.pdf>

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

Wendt,Guilherme Welter.Compreendendo o Fenômeno do Cyberbullying, Londres, 2014.

ANEXO A - QUESTÕES DE ENTREVISTA

Universidade Federal de Pernambuco Centro Acadêmico do Agreste Núcleo de Formação Docente Curso de Licenciatura em Pedagogia Discente: Armando Severo dos Santos Orientador: Prof. Dr. Alexandre Viana Araújo Instrumento para a coleta de dados: Entrevista Temática do estudo: Bullying e Prática docente
Você sabe o que é Bullying? O que é Bullying para você?
Qual a diferença de Bullying para uma brincadeira de “mau gosto”?
Quais as formas que você já presenciou?
Contra que pessoas você presenciou o Bullying?
Você já ouviu falar de cyberbullying? O que é?
Você já presenciou alguma situação de cyberbullying na escola? Como foi a situação?
Como você age perante um a situação de Bullying na sala de aula?
Quais ações mais usadas por você na intervenção durante o Bullying na sala de aula? Você busca ajuda da gestão para intervir na situação de Bullying na sala de aula? Você comunica a família dos alunos envolvidos? Já precisou conversar com os pais dos alunos envolvidos?
Algum aluno já o procurou para relatar que estava sofrendo Bullying? Como foi? Como você agiu?
Você tem procedimentos padrões para lidar com essa situação? Quais?
Quando você faz a intervenção durante uma situação de Bullying e que não surge o efeito desejado como você procede?
A escola tem apoiado os alunos vítimas de Bullying?

Como?
A escola estimula os alunos a falar sobre o Bullying? Como?
A escola já realizou palestras sobre o tema Bullying? Qual foi a motivação da palestra?
A escola tem realizado o relatório bimestral de ocorrência de Bullying? Você teve acesso ao relatório, ou ajudou na composição?